

Senra, L. X., Pereira, B. O., & Lourenço, L. M. (2015). Prevalência de bullying entre adolescentes de um município de medio porte brasileiro. In Z. Anastácio, G. Carvalho, & B. Pereira (Eds.), *Atividade Física, Saúde e Lazer. Desenvolvimento das crianças e problemáticas relacionadas com a saúde* (pp. 241-267). Saarbrucken: Novas Edições Académicas.



Universidade do Minho

Instituto de Educação

Centro de Investigação
em Estudos da Criança (CIEC)



Professora Doutora

Maria Beatriz Ferreira Leite de Oliveira Pereira (Pereira, Beatriz)

Category: Full Professor

Institution: Universidade do Minho (UMinho)

Email: beatriz@ie.uminho.pt

Online CV: <http://www.degois.pt/visualizador/curriculum.jsp?key=2030897209377539>

PREVALÊNCIA DE BULLYING ENTRE ADOLESCENTES DE UM MUNICÍPIO DE MÉDIO PORTE BRASILEIRO

Luciana Xavier Senra¹, Beatriz Oliveira Pereira² & Lélío Moura Lourenço¹

RESUMO

O presente estudo teve por objetivo evidenciar a prevalência de *bullying* entre adolescentes matriculados entre o 6º e o 9º ano do ensino fundamental de um município Brasileiro de médio porte. A amostra foi selecionada por técnica de amostragem probabilística estratificada e conglomerada em dois estágios. O *Questionário de Olweus* foi utilizado como instrumento de inquérito e coleta de dados entre os estudantes. Os dados foram submetidos a processamento eletrônico, utilizando-se o *software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) para Windows* no módulo *Complex Samples* para análise estatística descritiva e inferencial dos dados com intervalo de confiança de 95%. Para a investigação sobre a associação entre variáveis categóricas, foi utilizado o teste não-paramétrico *Qui-quadrado* de Pearson (X^2) com nível de significância de 5%, e com uma correção de segunda ordem de Rao-Scott visando levar em consideração as características do desenho amostral complexo. Participaram do estudo 470 estudantes, n representante da população de 11.383 alunos do 6º ao 9º ano de estudo em 2012. Foi possível estimar que 37,3% da população alvo é do sexo masculino e 62,7% do sexo feminino,

¹Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Brasil

²Universidade do Minho, Braga, Portugal

sendo a grande maioria dividida em etnias/cores parda (36,6%), preto/negro (30,0%), branco/caucasóide (25,3%), amarelos (5,9%) e indígenas (2,2%). No que concerne à atuação no *bullying*, entre os envolvidos nas condições de vitimização, estimou-se que 32,0% eram do sexo masculino e 68,0% do sexo feminino. Entre aqueles que se envolveram enquanto agressores, foi possível estimar que 42,8% sejam meninos e 57,2% meninas. Isso indica uma prevalência de *bullying* de 60% para a amostra do estudo.

Palavras-chave: bullying, adolescentes, prevalência, município brasileiro.

INTRODUÇÃO

O fenômeno do *bullying* é definido como a exposição de uma pessoa à intimidação e às ações negativas repetidas ao longo do tempo por parte de uma ou mais pessoas, mediante as quais não tem condição de se defender. O autor ressalta que esta definição de *bullying* inclui três componentes fundamentais: (1) comportamento agressivo constituído de ações negativas e não desejadas por parte da vítima, portanto intencionais; (2) padrão repetitivo e permanente de tais condutas; e (3) o desequilíbrio de poder ou força (Olweus, 2011; Skrzypiec et al., 2011).

O termo *bullying* é de origem anglosaxônica e que nos países de língua portuguesa, como é o caso de Portugal e Brasil, essa terminologia foi mantida devido à dificuldade de identificação de uma expressão equivalente que traduza a agressão/vitimização descrita originalmente (Pereira, 2006). A respeito desta

característica do termo, Martins (2009) expõe que pode ser traduzida por agressão ou intimidação entre pares, ou por maus tratos entre iguais. Diante disso, as autoras colocam que por *bullying* entende-se a agressividade expressa de maneira física ou psicológica entre pares de forma continuada e intencional com abuso sistemático de poder, usualmente maldosa, que pode perdurar semanas, meses ou até anos e na qual a vítima não tem condições de se defender ou reverter a situação. Costa & Pereira (2010) afirmam que esta forma de violência entre pares distingue-se da agressão ocasional não apenas pela sua persistência no tempo, mas também pela desigualdade de poder entre os envolvidos.

Olweus (2011) apresenta o que ele denominou por círculo do *bullying*. Segundo ele, um em cada cinco alunos em uma sala de aula média está envolvido diretamente em situações de agressão e intimidação entre pares. Os demais, os chamados espectadores e observadores, estão envolvidos indiretamente. Nesse círculo, os estudantes que são *bullies* iniciam suas condutas com intimidação e exercem papéis de líder. Estes possuem seus seguidores, ou seja, aqueles que desempenham um papel por vezes ativo perante o *bullying*, embora geralmente não iniciem as condutas agressivas para com seus pares.

O círculo do *bullying* possui também os espectadores, possíveis defensores e as vítimas de *bullying*. Alguns espectadores atuam perante o *bullying* chamando a atenção por meio de risos e zombarias, mas sem se envolverem com o agressor ou com a vítima; não exteriorizam sinais de apoio em relação ao agressor ou à vítima. Outros acham que devem defender a vítima, mas não

fazem nada; ou não gostam da situação de intimidação e ajudam a vítima (Olweus, 2011).

A repetição de condutas agressivas e intencionais de uma criança e/ou adolescente para outros sem condições de se defenderem que caracterizam o *bullying*, podem ocorrer de três formas: (a) direta e física, que consistem em agressões físicas com atos de bater ou ameaçar bater, agredir com socos e pontapés, roubos ou estragos de objetos de colegas, extorsão financeira, forçar condutas sexuais e a realização de atividades servis, ou a simples ameaça desses itens; (b) direta e verbal, que envolvem insultos, apelidos, comentários racistas ou que mirem qualquer diferença no outro; e (c) indireta, ou seja, a exclusão sistemática de uma pessoa ou grupo pela obtenção de algum favorecimento, a realização de intrigas e boatos e manipulação da vida social de um colega (Olweus, 1980, 2011; Antunes & Zuin, 2008; Lourenço et al., 2009; Martins, 2009; Costa & Pereira, 2010; Jenkins et al., 2011).

Olweus (2011) relata que o *bullying*, de acordo com seu questionário, tem sido recentemente evidenciado em nove formas distintas, mas não divergentes das categorias direta física e verbal ou indireta. Essas nove maneiras de expressão do *bullying* são: (1) agressão verbal na forma de comentários depreciativos e insultuosos; (2) exclusão social ou isolamento; (3) intimidação física incluindo bater, chutar, empurrar e cuspir; (4) divulgação de mentiras e falsos rumores sobre outra pessoa; (5) danificação de objetos e roubo de dinheiro e materiais; (6) ameaças de fazer e obrigar a fazer coisas; (7) intimidação racial; (8) intimidação sexual; (9) *cyberbullying* via telefone celular ou internet.

Nesse sentido, considerando as tipologias do *bullying*, alguns estudos revelam que o *bullying* ocorre principalmente nos anos escolares iniciais, quando crianças e adolescentes, por estarem em processo de crescimento e desenvolvimento, são os que se apresentam em situação de maior vulnerabilidade e sofrem maiores repercussões na saúde, ainda que a violência e a agressividade ocorram em todas as faixas de idade (Maldonado & Williams, 2005; Martins, 2009; Pereira, 2010; Jenkins et al., 2011).

De acordo com Pereira (2008) ao relatar sobre as características de agressores e vítimas, não há um único fator explicativo para justificar porque uma criança ou adolescente se torna agressora. Acredita-se numa possível multicausalidade para esse tipo de comportamento como, por exemplo, o tipo de vinculação com os genitores caracterizada por hostilidade ou permissividade e a influência da comunidade também com as relações conflituosas.

Pereira (2008) coloca que crianças agressoras apresentam condutas típicas como a autoconfiança, presunção e a reprodução da agressividade que experimentam em contexto familiar; tendem a ser mais populares, são ativamente rejeitadas embora possuam amigos que os apoiem nas práticas agressivas e são facilmente identificadas pelos demais pares do ambiente em que convivem.

Olweus (2011) explicita que há pelo menos três razões para que os alunos se tornem agressores de *bullying* (*bullies*). A primeira consiste no fato de que o *bully* tem forte poder (negativo) e dominância; a segunda é de que os agressores encontram satisfação em causar sofrimento e ferimento para suas vítimas. A terceira razão reside no fato de que na maioria das vezes o *bully*

tem ou recebe recompensa para suas condutas de intimidação agressiva, como por exemplo, as recompensas materiais ou psicológicas.

Solberg & Olweus (2003), Martins (2009) e Pereira (2010) em estudos de prevalência do *bullying*, afirmam que embora ele ocorra em todas as faixas etárias, os agressores têm sido mais frequentemente identificados entre os adolescentes do sexo masculino, sobretudo entre aqueles que estejam cursando as últimas séries do ensino fundamental.

No Brasil, o referido perfil de agressores também é identificado nas pesquisas. Fischer (2010) numa pesquisa sobre o *bullying* no país identificou que 70% dos alunos da amostra (5168 alunos) estavam envolvidos em situações de intimidação e agressão entre pares. Desse percentual, 32% eram frequentemente agredidos por meninos com faixa etária entre os 11 e os 14 anos, com variações apenas nos tipos de *bullying*, ou seja, enquanto nas idades iniciais dos anos escolares seja mais comum o tipo direto e físico, entre os adolescentes há um predomínio do *bullying* direto e verbal com insultos, ameaças e xingamentos.

A vitimização é outra maneira de participação/atuação perante o *bullying*. Pereira (2008, 2010) menciona que as vítimas estão submetidas aos agressores devido à idade, ao tamanho ou à força física, à natureza social do grupo a que pertence ou pela procura de apoio por parte dos outros. As vítimas normalmente não se sentem em posição de se defenderem, de procurarem auxílio ou de reverterem a situação diante do agressor.

Além dessas características, Martins (2009) ressalta que as vítimas de *bullying* geralmente são pouco assertivas e detêm de pouca habilidade social em razão do medo e da falta de confiança decorrentes das situações de vitimização. Demonstrem ansiedade e incapacidade de agir por si próprias e, conseqüentemente, dificuldade de interação e isolamento.

Fisher (2010) ao caracterizar o perfil das vítimas de *bullying* no Brasil destacou que 12% dos frequentemente envolvidos são vítimas do sexo masculino e 7% do feminino. A incidência de vitimização também ocorre entre os onze e quinze anos e na forma direta e verbal. Assim como no Brasil, Costa et al. (2011) em Portugal verificaram que 53,3% dos envolvidos em vitimização eram meninos na faixa dos 11 aos 15 anos. Ademais, esses autores verificaram o impacto da vitimização no desenvolvimento global desses adolescentes, comprometendo suas relações familiares e interpessoais de modo geral.

De acordo com, Olweus (1993), Pereira (2008) e Melim (2012) nos estudos de caracterização dos intervenientes do *bullying* as vítimas tendem a assumir papéis secundários conforme a quantidade e a tipologia de agressão a que é submetida. Em outros termos, esses autores ressaltam que as vítimas que são agredidas de alguma forma por mais de três vezes ao longo de um período de pelo menos três meses, tendem a revidar a agressão sofrida, assumindo o papel de vítimas provocativas e/ou vítima agressoras em concordância com o número de vezes que revida a agressão sofrida.

Conforme evidenciado por Olweus (2011) os espectadores/observadores também desempenham um papel importante nas situações de *bullying*. Esses indivíduos (crianças e adolescentes) não possuem participação ativa, mas tornam-se cúmplices por possuírem medo de se tornarem as próximas vítimas. Os observadores tendem a ser igualmente inseguros, temerosos, culpados por não agirem em favor da vítima e/ou tentados. Além disso, com base nos estudos de prevalência do *bullying* em Portugal, Martins (2009) destaca que as condutas dos observadores tendem a ser mais incidentes do que das vítimas. As condutas mais observadas nos observadores/espectadores são as que culminam na exclusão social.

Estudos como os de Costa & Pereira (2010), Barbosa et al. (2011), Jenkins et al. (2011) e Olweus (2011) salientam algumas das consequências mais comuns para os envolvidos nas situações de *bullying* como agressor, vítima e observadores. Os prejuízos mais evidentes se dão na trajetória acadêmica dos alunos com repercussões negativas no desempenho das disciplinas e na participação das atividades; comportamentos em desacordo com as regras educacionais desde danos ao patrimônio por parte dos agressores até a agressão de funcionários e professores; e intensificação dos maus tratos com os pares pela baixa competência e habilidade social.

Nessa mesma perspectiva Senra et al. (2011) destacam também os problemas relacionados à saúde física e psicológica, dentre os quais se pode enumerar disfunções cardiorrespiratórias,

endocrinológicas, cefaleias, ansiedade/fobia social, transtorno de stress pós-traumático, depressão e baixa estima por si mesmo.

Diante do que foi explicitado, é importante reiterar a multicausalidade destacada por Pereira (2008) e Olweus (1980, 2011) no que se refere ao fenômeno do *bullying*, sobretudo àqueles fatores relacionados aos contextos familiar e comunitário, pois esses ambientes se experimentados também de maneira hostil e agressiva por crianças e adolescentes podem servir de modelos de relações interpessoais e de resolução de conflitos como tão bem destacaram Bandura et al (1961, 2008).

Diante das considerações acerca do conceito e das peculiaridades do fenômeno do *bullying*, o presente estudo teve por objetivo evidenciar a prevalência de *bullying* entre adolescentes matriculados entre o 6º e o 9º ano do ensino fundamental de um município Brasileiro de médio porte. Além disso, vale ressaltar que este estudo é decorrente de uma pesquisa de caráter transversal e de natureza observacional cuja temática de investigação foi a *Associação entre Violência Doméstica e Bullying em adolescentes da Rede Pública Municipal de Juiz de Fora*.

METODOLOGIA

A amostra do presente estudo foi selecionada por técnica de amostragem probabilística estratificada e conglomerada em dois estágios. A estratificação foi tipo geográfica conforme a administração geográfica do município, considerando apenas o perímetro urbano. Os estágios conglomerados foram constituídos com aleatorização simplificada de escolas como unidades

secundárias, das salas como unidades primárias e dos alunos como unidades elementares.

Com esse critério de seleção da amostra, foi possível estimar a prevalência de *bullying* e evidenciar o tipo de envolvimento dos participantes, ou seja, como vítimas (passivas, provocativas e agressoras), agressores e espectadores/não envolvidos. A amostra (n) foi composta, portanto, por 470 estudantes matriculados em turmas do 6º ao 9º ano do ensino fundamental da rede pública de educação do município de Juiz de Fora, Brasil.

Os dados foram recolhidos por meio do *Questionário de Olweus* traduzido por Pereira & Tomás (1994), com revisão em 2006 e adaptação cultural para o Brasil por Barbosa et al. (2009). Após a coleta, os dados foram submetidos a processamento eletrônico, utilizando-se o software *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) para *Windows* no módulo *Complex Samples* para análise estatística descritiva e inferencial dos dados com intervalo de confiança de 95%. A análise descritiva dos resultados obtidos permitiu a organização, resumo, composição de tabelas e descrição de todo o conjunto de dados. Cabe ressaltar que o módulo *Complex Samples* do SPSS permite a consideração das características do desenho amostral complexo do estudo nas análises conduzidas.

No que concerne à técnica estatística empregada, para a investigação sobre a associação entre variáveis categóricas foi utilizado o teste não paramétrico *Qui-quadrado* de Pearson (X^2) com nível de significância de 5%, e com uma correção de segunda ordem de Rao-Scott visando levar em consideração as características do desenho amostral complexo (Cozby, 2006). Além

disso, foram calculados intervalos de confiança para as médias estimadas para variáveis quantitativas, com 95% de confiança, e também levando em consideração o desenho amostral complexo.

RESULTADOS

Os resultados do presente estudo foram alcançados considerando as características do desenho amostral adotado e os pesos amostrais calculados para os alunos, os quais foram essenciais às análises por refletirem os inversos das probabilidades de seleção dos alunos e por incluir ajustes que visam corrigir os possíveis efeitos da não resposta. No presente estudo a não resposta foi causada pela recusa em participar da pesquisa, em não devolução de termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) assinado pelo responsável ou ausência no dia da aplicação.

Participaram da pesquisa estudantes ($n=470$), representantes da população de alunos (11.383 alunos segundo dados da SME) do 6º ao 9º ano de estudo, no ano de 2012. Foi possível estimar que 37,3% da amostra é do sexo masculino e 62,7% do sexo feminino, sendo a grande maioria dividida em etnias/cores parda (36,6%), preto/negro (30,0%), branco/caucasóide (25,3%), amarelos (5,9%) e indígenas (2,2%).

A faixa etária explicitada pela estatística descritiva abarcou idades de 10 a 19 anos, sendo o maior percentual, 25,7%, referente aos participantes com 13 anos. Quanto aos demais estudantes, foi possível estimar que 5,31% tem idade de dez anos, 17,21% onze anos e 21,43% doze anos. Entre os que estão com faixa etária dos 14 aos 19 anos, estimou-se que 20,33% tem quatorze anos, 7,57%

com quinze, 2,37% com dezesseis, 0,05% dezoito e 0,09% dezoenove anos. A descrição por frequências das características escolares dos respondentes em relação ao ano de estudo demonstrou que 38,3% eram do 6º ano, 26,3% do 7º, 18,3% do 8º e 17,1% do 9º ano.

Em relação à classe econômica, segundo critérios da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa-ABEP, foi possível estimar que a maioria dos estudantes pertence às classes C2 (34.7%), C1 (32.2%) e à classe B2 (24.1%); enquanto que 3,1% pertencem à classe D, 5,4% à classe B1 e 0,6% à classe A2. De acordo com tais critérios, a renda média familiar de cada grupo de classes varia de um valor bruto de R\$ 477 (quatrocentos e setenta e sete reais) à R\$ 12.926 (doze mil, novecentos e vinte e seis reais), sendo o de R\$ 1.024 da classe C2, o valor de R\$ 1.541 para a classe C1 e de R\$ 2565 para a classe B2.

Referente à quantidade de vezes que houve repetência entre os participantes que repetiram o ano escolar, estima-se que 24,2% repetiram pelo menos uma vez; 12,6% duas vezes; 4,89% três vezes, 0,89% quatro vezes. Os demais alunos, representando 56,1% não repetiram e 1,3% não responderam a essa questão.

Para estimar a prevalência de *bullying* conforme os papéis de atuação foram estabelecidos, conforme a literatura (Olweus, 1993; Pereira, 2008; Melim, 2012), critérios de classificação de acordo com a resposta emitida pelo aluno em uma das questões dos dois blocos que investigam condições de vitimização, não envolvimento/espectadores e agressão num recorte temporal para

levantamento dessas informações em relação aos últimos três meses de autoreferência do aluno no ano de 2012.

Esses critérios consistiram no número de vezes em que o respondente foi agredido (questão 1 bloco II do Questionário de Olweus) e/ou agrediu (questão 1 do bloco III do mesmo questionário) um colega nos últimos três meses de aula, bem como na associação de respostas dadas à primeira questão de cada bloco, isto é, o respondente que assinalou ter sido agredido de uma a duas vezes (bloco II) e que não agrediu alguém no referido período, foi classificado como vítima passiva moderada. O aluno que relatou ter sido agredido acima de três vezes e que também não tenha agredido um colega, foi classificado como vítima passiva grave. No entanto, os alunos que foram agredidos entre 1 e 3 vezes e que agrediram outro aluno uma ou duas ao longo dos últimos três meses à época da coleta de dados da pesquisa foram classificados como vítimas provocativas. Além dessa classificação, foi adotada a de vítima agressora para aqueles estudantes que foram agredidos mais de três vezes e que agrediram também acima de três vezes no período citado. Os números referentes a essa classificação de atuação no *bullying* podem ser mais bem observados na Tabela 1.

Tabela 1
Prevalência de bullying por tipo de atuação

Variável	Frequência relativa	IC 95%		n
		Inferior	Superior	
Vítima				
não envolvidos/espectadores	39,76%	30,8%	49,4%	202
vítima passiva moderada	15,94%	11,4%	21,8%	76
vítima passiva grave	10,60%	5,5%	19,4%	44
vítima provocativa	7,00%	3,8%	12,5%	31
vítima agressora	3,55%	2,1%	5,8%	19
outras formas de atuação	23,15%	19,1%	27,8%	98
Agressor/"bully"				
não agressor	66,30%	59,4%	72,6%	322
agressor/"bully"	24,48%	19,9%	29,7%	112
outras formas de atuação	9,22%	4,6%	17,7%	36

Ainda no que concerne à atuação no *bullying*, entre os envolvidos nas condições de vitimização, estima-se que 32% sejam do sexo masculino e 68% do sexo feminino. Entre aqueles que se envolveram enquanto agressores, estima-se que 42,8% sejam meninos e 57,2% meninas. Isso indica uma prevalência de *bullying* de 60% para a amostra em estudo.

Considerado o mesmo recorte de três meses com intervalo de confiança de 95%, foram investigadas as tipologias de agressão, os locais em que elas ocorrem, a idade, a turma e quem é o aluno ou os alunos que agrediram. O tipo de agressão mais frequente no período foi "colocaram-me apelidos ou nomes que não gostei" abarcando 34,8% dos que estavam envolvidos em *bullying*. O local em que as agressões mais ocorreram, foi a sala de aula, relatada por cerca de 39,5% das vítimas. Em relação a quem agrediu, 21,2% disseram que um aluno agrediu, já em relação à idade e a turma dos agressores, verificou-se um predomínio de alunos da mesma

idade (31,1%) e da mesma turma (39,2%). As demais tipologias locais, idade, turma e quem são os demais agressores observados no estudo podem ser visualizados na Tabela 2.

A variável tipologia de agressões (identificada pela questão (2) *De que forma isso tem ocorrido?*) foi investigada no Questionário de *Bullying* após ter sido perguntado ao aluno "1. Quantas vezes algum(a) aluno(a) da escola fez algo de mal a você nos últimos três meses de aula?". Na sequência, eram questionados (3) *em que lugar essas situações aconteceram* com possibilidade de o aluno apresentar um local que se diferia das opções oferecidas pelo questionário; (4) *de que turma são os(as) alunos(as) que têm feito algum mal a você*; (5) *de que idade são os(as) alunos(as) que tem feito mal a você*; e (6) *quem fez algum mal a você*. Essas questões evidenciaram, além da frequência das tipologias, aquelas relacionadas aos locais em que ocorrem as agressões e o perfil do agressor.

Com o objetivo de identificar características sócio-demográficas da amostra estudada que pudessem apresentar algum tipo de associação com o tipo de atuação no *bullying* foram realizadas análises bivariadas. Testou-se, separadamente, a associação de cada um dos tipos de atuação no *bullying* mais relevantes para o presente estudo (vítima e agressor), com algumas características dos alunos respondentes, tais como sexo, etnia, ano de estudo e repetência do ano letivo.

Tabela 2 Tipologias de agressão, locais em que ocorrem e perfil do agressor

Variável	IC 95%		N	
	Frequência Relativa	Inferior	Superior	
Tipologia das agressões				
Colocaram-me apelidos ou nomes que não gostei	34,8%	27,1%	43,5%	148
Falaram sobre mim escondido	21,5%	17,8%	25,9%	100
Pegaram minhas coisas sem minha permissão	17,0%	9,6%	28,3%	68
Fizeram com que eu sentisse medo	11,5%	5,3%	23,4%	41
Pararam de conversar comigo	10,3%	7,4%	14,3%	48
Bateram em mim, deram murros, socos e/ou chutes	4,9%	2,1%	11,4%	19
Ofenderam-me por causa da minha cor/raça	4,1%	2,5%	6,7%	16
Espalharam mensagens através da internet ou telefone para me prejudicar	0,8%	0,2%	3,3%	3
Locais em que ocorrem as agressões				
Nas salas de aula	39,49%	32,8%	46,6%	172
No recreio	27,56%	21,6%	33,7%	116
Nos corredores e/ou nas escadas	10,74%	6,1%	18,1%	45
Fora da escola	7,24%	4,4%	11,8%	30
No refeitório e/ou cantina	3,45%	1,9%	6,2%	19
No banheiro	2,94%	1,6%	5,2%	18
Na quadra de esportes	0,76%	0,1%	6,0%	4
No vestiário	0,37%	0,1%	2,3%	2
No pátio	0,13%	0,0%	1,3%	1
Idade dos agressores segundo as vítimas				
São da mesma idade	31,1%	21,4%	42,8%	140
São mais velhos	29,4%	22,6%	37,3%	113
São mais novos	6,3%	3,4%	11,4%	162
De que turma são os agressores				
Da mesma turma	39,2%	27,7%	52,1%	162
De outra turma	22,9%	16,3%	31,1%	99
Quem fez mal				
Um aluno	21,2%	12,7%	33,2%	82
Vários alunos	15,3%	7,9%	27,7%	53
Alunos e alunas	10,0%	6,9%	14,4%	46
Uma aluna	7,6%	4,4%	12,9%	44
Várias alunas	7,2%	3,8%	13,4%	33

Considerando o nível de significância de 5%, é possível apontar uma associação estatística entre o sexo e a condição de vitimização no *bullying* ($p=0,045$). Entretanto, com o mesmo nível de significância de 5% não há evidência de associação estatística entre sexo e a condição de agressor no *bullying* ($p=0,478$). Isto é,

não há diferença entre os sexos quando a atuação no *bullying* é na condição de agressor, mas na de vitimização, as meninas tendem a ser mais vítimas que os meninos.

Outra característica que não se mostrou estatisticamente associada à condição de vitimização no *bullying* foi etnia/raça ($p=0,176$). Porém, em relação à atuação como agressor foi verificada uma evidência de associação estatística com etnia/raça ($p=0,015$). Em outras palavras, o agressor negro tende a ser mais ofensivo do que o não negro na presente amostra.

Embora tenha havido evidência de associação estatística para a atuação como vítima e repetência do ano letivo ($p=0,034$), não foram observadas associações estatisticamente significativas entre condição de vitimização e ano de estudo ($p=106$), e entre atuação como agressor de *bullying* e ano de estudo ($p=0,232$) ou repetência do ano letivo ($p=0,670$). Isso significa que o insucesso no ano letivo não se associa à atuação no *bullying* como agressor e que estar cursando determinado ano não se relaciona à atuação no *bullying*, ou seja, um dado ano de estudo não propicia mais ou menos participação no *bullying*.

Além dessas variáveis que não demonstraram associação estatisticamente significativa, quando o cruzamento de variáveis ocorreu entre sexo e tipologias de agressões também não houve evidência de associação para a maioria das tipologias, exceto para sexo e "pararam de conversar comigo" ($p=0,003$). Para o cruzamento de sexo com as demais variáveis, observou-se: "colocaram-me apelidos ou nomes que não gostei" ($p=0,128$), "bateram em mim, deram socos, murros e chutes" ($p=0,886$),

“pegaram minhas coisas sem permissão” ($p=0,331$), “fizeram com que eu sentisse medo” ($p=0,861$), “falaram sobre mim escondido” ($p=0,280$), “espalharam mensagens através da internet ou telefone para me prejudicar” ($p=0,623$) e “ofenderam-me por causa da minha cor/raça” ($p=0,484$).

DISCUSSÃO

Dentre os resultados da presente pesquisa, no que se refere ao gênero/sexo dos participantes, observou-se predominância do sexo feminino (62,7%), enquanto o masculino representou 37,3% dos respondentes. Esse dado difere de estudos como os de Pereira et al. (2009) que foram desenvolvidos por amostragem de conveniência e apresentaram uma proporção entre os sexos masculino (49,1%) e feminino (50,9%). Entretanto, se aproxima dos estudos de Grossi & Santos (2009), nos quais também foi evidenciado um maior percentual de respondentes do sexo feminino, em torno de 52,08%, por procedimento de amostragem equivalente.

Em relação à cor/etnia, o presente estudo se aproxima do relatório de *bullying* escolar no Brasil (Fischer, 2010), apontando para uma maioria de pretos/negros (30,0%), pardos (36,6%) e brancos (21,3%), embora esse relatório tenha trabalhado com mais outras possibilidades ou categorias relativas à cor/etnia. Além disso, foi possível verificar uma associação estatisticamente significativa entre etnia e agressor, isto é, constatou-se que alunos negros tendem a ser mais agressores que não negros.

A concentração de idades entre os 11 e 14 anos estimada pelo presente estudo também foi verificada nos estudos de Francisco & Libório (2009), Fischer (2010), Lourenço & Pereira (2011) e Melim (2012). No entanto, houve também, ainda que minoritariamente, idades entre os 15 e 19 anos, as quais refletem a repetência escolar durante os anos do ensino fundamental, sobre a qual foi possível aferir que daqueles que declararam reprovação, 24,2% repetiram ao menos uma vez o ano letivo, variável que se mostrou estatisticamente associada ao envolvimento em *bullying* na condição de vitimização ($p=0,034$).

Os dados referentes à associação entre repetência do ano letivo e atuação no *bullying* enquanto vítima da presente pesquisa diferem da literatura internacional que investigou as mesmas variáveis e se associavam ou não. Pereira (2008), Pereira et al. (2009) e Melim (2012) destacaram em seus estudos que os alunos com insucesso ou reprovação no ano letivo tenderiam ao *status* de mais experientes, oferecendo condições de defesa diante da turma e, assim, evitariam situações de vitimização.

Nesse sentido, o fato de no presente estudo a condição de vitimização estar associada à reprovação escolar pode indicar exatamente o contrário dos referidos estudos, ou seja, a presença de um aluno repetente numa sala de aula de novatos num determinado ano letivo tiraria o *status* de equidade dessa turma. Além disso, outro fator que pode explicar essa diferença em relação ao cenário internacional é a evidência estatística do presente trabalho em relação ao local de manifestação das agressões entre os pares, que foi predominantemente a sala de aula (39,49%).

Essa variável sobre o local de manifestação das agressões também difere quando comparada às análises dos estudos no âmbito de Portugal, dentre eles, os Pereira (2008), Pereira et al. (2009) e Melim (2012), nos quais o local predominante da ocorrência de *bullying* é o recreio. Contudo, tendo em conta o Relatório de *Bullying* escolar no Brasil (Fischer, 2010), os do CDCP (2011) e os estudos de revisão e correlacionais espanhóis (Sánchez et al. 2010; Torregrosa et al. 2012) verifica-se a tendência do contexto municipal equiparar-se ao nacional (Brasil), ao dos Estados Unidos e, em parte, ao da Espanha por falta de dados empíricos, pois tanto na presente pesquisa quanto nos referidos estudos, o local onde tem sido apontada uma tendência do predomínio de agressões é a sala de aula, seguida pelos espaços do recreio.

No que concerne à atuação no *bullying*, a presente pesquisa possibilitou inferir a grande maioria envolvida como vítimas são do sexo feminino (68%), corroborando os estudos de Costa et al. (2011), enquanto que com relação ao envolvimento como agressores foi possível perceber uma menor diferença da frequência de atuação agressiva expressa por sexo, 42,8% são meninos e 57,2% são meninas. Contudo, levando em conta que a maioria (62,7%) dos respondentes são meninas, verifica-se que elas se mostraram mais agressoras do que os meninos, ao contrário do que evidencia Olweus (1980, 2011) e Melim & Pereira (2012).

Esses dados relativos ao sexo do agressor são distintos dos dados evidenciados pelas mesmas variáveis nas pesquisas de Baldry (2003), CDCP (2011), Sousa et al. (2011), Hymel et al. (2012) e

Melim (2012). Esses estudos ressaltam os meninos mais comumente envolvidos em *bullying* como agressores. Essas características talvez possam ser explicadas quando se observa simultaneamente as tipologias de agressões e locais mais comuns de ocorrência de *bullying* tanto no presente estudo quanto naqueles em que são vistas tais divergências, mas, sobretudo pelo fato não de não ter sido evidenciada uma associação estatística significativa entre as variáveis sexo e agressor com p valor de 0,478 ao nível de significância de 5%, corroborando os dados do estudo brasileiro de Francisco & Libório (2009).

A respeito das tipologias de agressões, os resultados demonstraram que houve evidência de associação estatística somente entre as variáveis sexo e tipologia de agressões, quando esta se tratava de “pararam de conversar comigo” (agressão psicológica), com p valor de 0,003 para o nível de significância de 5%. Essa característica coaduna com o que ressaltam Sánchez et al. (2010) sobre *bullying* relacional e psicológico. De acordo com esses autores, os estudos de prevalência de tipologias de agressões do *bullying*, as verbais/psicológica e a exclusão social foram, respectivamente 36% e 33%, as quais acontecem principalmente entre as meninas.

Além disso, foi observado que é possível estimar para a população alvo do município de Juiz de Fora que os tipos de *bullying* mais comuns são o psicológico ou verbal e o relacional, pois “colocar apelidos ou nomes que não gostei” (37,8%) e “falar sobre mim escondido” (21,5%), foram relativamente mais frequentes que do que “bateram em mim, deram socos, muros e chutes” (4,9%),

condutas típicas do *bullying* físico ou direto e que, geralmente, são mais comuns nos recreios do que nas salas de aula (Pereira, 2008; Sousa et al., 2011), o que não é o caso do presente estudo.

As diferenças apontadas pelo presente estudo indicam, portanto, que a condição de vitimização será distinta conforme as tipologias e locais de ocorrências das condutas e atos agressivos de acordo com o contexto cultural em que o *bullying* se manifesta, conforme já foram ressaltadas anteriormente as diferenças entre o contexto brasileiro e demais países como Estados Unidos, Portugal e Espanha.

CONCLUSÕES

As características dos fenômenos investigados na população alvo da presente pesquisa, denotam prejuízos significativos para os principais envolvidos (os alunos), ou seja, para as famílias e para as escolas. Foi constatado, através das estimativas, uma alta prevalência de *bullying* (60%), sobretudo comparando à literatura mundial. Isso indica que as preocupações com fatores direta ou indiretamente relacionados ao *bullying*, bem como programas de intervenção e de prevenção de violência na família e na escola também devem ser acentuadas e planejadas de maneira estratégica para o enfrentamento dos diversos prejuízos para a saúde e para a convivência interpessoal e social.

O estudo permitiu constatar que o fenômeno da violência tem acometido a escola, prejudicando seu patrimônio e propiciando impacto negativo nas relações estabelecidas no seu interior, tanto entre gestores e corpo docente, como entre o corpo discente e a

própria escola. O impacto que foi possível identificar revela uma escola em que o incentivo e estímulo às habilidades intelectuais e sociais, assim como à aprendizagem de conhecimentos importantes produzidos pela sociedade, deram lugar aos conflitos e agressões (sobretudo, psicológicas) entre os alunos e da parte destes em relação à escola. Além disso, o ambiente de conflitos da escola que sofre com o fenômeno da violência tende a propiciar um clima de apreensão e medo, além de fazer com o que os alunos percam o gosto pela escola, o interesse pelos estudos e apresentem problemas relativos à saúde física e psicológica, tais como abandono de práticas esportivas, de lazer e a falta de motivação e baixa auto-estima.

REFERÊNCIAS

- Antunes, D.C.; Zuin, A.A.S. (2008). Do *bullying* ao preconceito: os desafios da barbárie à educação.
- Baldry, A. C. (2003). *Bullying* in schools and exposure to domestic violence. *Child Abuse & Neglect*, 27, 713-732.
- Bandura, A., Azzi, R.G. & Polydoro, S. (2008). *Teoria Social Cognitiva – Conceitos Básicos*. Porto Alegre: Artmed.
- Bandura, A., Ross, D. & Ross, S.A. (1961). Transmission of aggression through imitation of aggressive models. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 63, 575-582. An internet resource developed by Christopher D. Green, York University, Toronto. URL: <http://psychclassics.yorku.ca/Bandura/bobo.htm> (consultado em 10/05/2010).
- Barbosa, A.G.; Santos, A.A.C.; Rodrigues, M.C.; Furtado, A.V. & Brito, N.M. (2011). Agressividade na infância e contextos de desenvolvimento: família e escola. *Psico*, 42 (2), 228-235.
- Barbosa, A.J.G.; Fernandes, T.C.; Silva, A.C.N.; Oliveira, J.C.; Lamas, K.A.; Almeida, L.C.; Lourenço, L.M. ; Moreira, P.S. (2009).

Compreender o *bullying*: um estudo em escolas portuguesas e brasileiras. In Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional, 2009, São Paulo. Anais do IX CONPE. Campinas: ABRAPEE.

Centers of Disease Control and Prevention. (2011). Morbidity and Mortality Weekly Report. *Bullying Among Middle School and High School Students — Massachusetts, 2009*. *Weekly*, 60 (15), 465-496. Disponível em URL http://www.nlm.nih.gov/medlineplus/spanish/news/fullstory_111311.html Acesso em 22 abr 2011.

Costa, P. & Pereira, B. (2010). O *bullying* na escola: A prevalência e o sucesso escolar. In L. Almeida, B. Silva e S. Caires (Orgs.). Actas do I Seminário Internacional Contributos da Psicologia em Contexto Educativo (pp.1810-821). CIEd - Centro de Investigação em Educação. Braga: Instituto de Educação da Universidade do Minho. ISBN: 978-972-8746-87-2

Costa, P., Pereira, B., Simões, H. & Farenzena, R. (2011). Vitimação em contexto escolar: Frequência e as múltiplas formas. In B. Pereira & G. Carvalho (Coord.). Actas do VII Seminário Internacional de Educação Física, Lazer e Saúde: A actividade física promotora de saúde e desenvolvimento pessoal e social. (pp.1897-1912). Centro de Investigação de Estudos da Criança (CIEC), Instituto de Educação, Universidade do Minho, Braga, Portugal. ISBN: 978-989-8537-00-3.

Cozby, P.C. (2006). Métodos de Pesquisa em Ciências do Comportamento. São Paulo: Editora Atlas.

Fischer, R.M. (2010). *Bullying* escolar no Brasil. Relatório Final. São Paulo: CEATS/FIA. URL: www.ceats.org.br (Consultado em 15 ago 2011).

Francisco, M.V.; & Libório, R.M.C. (2009). Um Estudo sobre *Bullying* entre Escolares do Ensino Fundamental. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(2), 200-207.

Grossi, P. K.; & Santos, A.M. (2009). Desvendando o fenômeno *bullying* nas escolas públicas de Porto Alegre, RS, Brazil. *Revista Portuguesa de Educação*, 2009, 22(2), 249-267.

Hymel, S.; Nickerson, A. & Swearer S. (2012). *Bullying at School and Online – An Education.com Special Edition*. Disponível em URL: <http://www.education.com> Acesso em 14 mar 2012.

Jenkins, M. F.; Zapt, D.; Winefield, H. & Samir, A. (2011). *Bullying Allegations from the Accused Bully's Perspective*. *British Journal of Management*, 1-13. (DOI: 10.1111/j.1467-8551.2011.00778.x)

Lourenço, L. M. & Pereira, B. (2011). A gestão educacional relacionada ao *bullying*: um estudo de realidades vigentes na caracterização e na prevenção do *bullying*. In A. J. Barbosa, L. M. Lourenço, & M. B. Pereira (Orgs.). *Bullying. Conhecer & intervir* (pp. 111-123), Juiz de Fora: Editora UFJF

Lourenço, L. M.; Pereira, B.; Paiva, D.P. & Gebara, C.F.P. (2009). A gestão educacional e o *bullying*: um estudo em escolas portuguesas. *Interacções (Portugal)*, 5, 208-228.

Maldonado, D. P. A. & Williams, L.C.A. (2005). O comportamento agressivo de crianças do sexo masculino na escola e sua relação com a violência doméstica. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 10(3), 353-362.

Martins, M.J.D. (2009). Maus tratos entre adolescentes na escola. Portugal: Editorial Novembro.

Melim, F.M.O. (2012). Na escola, tu és feliz? Estudo sobre as manifestações e implicações do *bullying* escolar. Tese de Doutoramento em Estudos da Criança do Instituto de Educação da Universidade do Minho. Braga, Portugal.

Melim, F.M.O.; & Pereira, B.O. (2012). *Bullying* escolar: os padrões de agressão. Actas do II Seminário Internacional "Contributos da Psicologia em Contextos Educativos". Braga: Universidade do Minho, pp. 389-402.

Olweus, D. (1980). Familial and Temperamental Determinants of Aggressive Behavior in Adolescent Boys: A Causal Analysis. *Developmental Psychology*, 16 (6), 644-660.

Olweus, D. (2011). What is *bullying*? Disponível em URL<<http://www.olweus.org/public2m/bullying.page>> Acesso em 27 set 2011.

Olweus, D., (1993). *Bullying at school. What we know and what we can do*. Oxford: Blackwell.

Pereira, B. & Tomás (1994). Questionário Bullying – A agressividade entre crianças no espaço escolar (e revisto em 2006). Adaptado por Barbosa, A.J.G. (2009). Questionário de Bullying. Juiz de Fora.

Pereira, B.O. (2006). Prevenção da violência em contexto escolar: diagnóstico e programa de intervenção. In J.C.S. Neto & M.L. Nascimento (orgs). *Infância, Violência, Instituição e Políticas Públicas*, (pp. 43- 51). São Paulo: Expressão e Arte.

Pereira, B.O. (2008). *Para uma escola sem violência-estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças*. (2.ª ed). Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian-FCG, Fundação para a Ciência e tecnologia-FCT.

Pereira, B. (2010). O bullying na escola: os papéis desempenhados pelas crianças não envolvidas na sua prevenção e o género. In J.E. Carvalho, P.C. de Barros & R.S. Reis (Org.). *Educação Física, Lazer e Saúde – Desafios e Novas Perspectivas*, (pp. 25-39). Curitiba: Champagnat.

Pereira, B.O.; Nunes, B.; Lourenço, L.; Silva, M.I.; Costa, P. & Pereira, V. (2009). Relatório do Projecto de Diagnóstico e intervenção sobre o *bullying* nas escolas de Bragança (2007/08 e 2008/2009). *Universidade do Minho*, Instituto de Educação Sub-Região de Saúde de Bragança.

Sánchez, M.; Gutierrez, B.R; Delgado, M.P. & Rodríguez, J.M. (2010). El problema del maltrato y el acoso entre iguales en las aulas. Ensayos. *Revista de la Facultad de Educación de Albacete*, 24, 2009.

Senra, L. X.; Lourenço, L.M.; Almeida, A. A. (2011). *Bullying e Violência Doméstica* considerações a partir de um estudo bibliométrico. In *VI Congreso Internacional de Psicología y Educación, Valladolid-Espanha*. Educación, Aprendizaje y desarrollo en una sociedad multicultural. Madrid- Espanha: Asociación de Psicología y Educación, 1, 9517-9530.

Skrzypiec, G.; Slee, P.; Murray-Harvery, R. & Pereira, B. (2011). *School bullying by one or more ways: Does it matter and how do students cope?* *School Psychology International*, 32(3) 288–311.

Solberg, M.E. & Olweus, D. (2003). Prevalence Estimation of School *Bullying* With the Olweus Bully/Victim Questionnaire. *Aggressive Behavior*, 29, 239– 268.

Sousa, R.; Pereira, B.O. & Lourenço, L.M. (2011). O *bullying*, locais e representações do recreio. In Barbosa, A.G.; Loureço, L.M. & Pereira, B.O. (orgs). *Bullying: Conhecer e Intervir* (pp. 33-49.). Juiz de Fora: Editora UFJF.

Torregrosa, M.S., Inglés C.J., García-Fernández, J.M., Gázquez, J.J., Díaz-Herrero, A. & Bermejo, R.M. (2012). Conducta agresiva entre iguales y rendimiento académico en adolescentes españoles. *Psicologia Conductual*, 20(2), pp. 263–280.